

# NORMATIVO SEXUAL E ARMÁRIO GAY NO CONTO *AQUELES*

## *DOIS* DE CAIO FERNANDO ABREU

Cyro Roberto de Melo Nascimento (UFRN)

cyro@jfrn.jus.br

### Introdução

O tema da homossexualidade tem se apresentado como um tabu para a maioria das sociedades ocidentais em diversos momentos históricos.

No presente texto, buscamos compreender como se dá a representação literária do tema no conto *Aqueles Dois* de Caio Fernando Abreu, a partir da noção de uma norma sexual imposta discursivamente e de sua desconstrução a partir de fissuras abertas por sua própria reiteração, segundo Judith Butler, bem como a partir da epistemologia do armário de Eve Kosofsky Sedgwick e da crítica de Karl Posso à repressão sexual na sociedade brasileira.

Na obra de Caio Fernando Abreu, verificamos tanto uma representação da repressão imposta por este aparato regulatório de sexualidade, como seu desmantelamento, a partir de personagens que buscam se colocar além dos rótulos sexuais discursivamente impostos.

#### 1. Heteronormatividade e abjeção

Publicado em 1982, no livro *Morangos Mofados*, principal obra do escritor gaúcho, o conto em análise narra a história da repressão a dois colegas de escritório em uma grande cidade, a partir do momento em que estabelecem um profundo laço de amizade. Vindos de cidades distintas e marcados por um profundo senso de deslocamento em relação ao mundo em que vivem, Raul e Saul buscam um campo de fuga no forte laço de amizade que constroem. Entretanto, a amizade entre os dois é interpretada como uma relação homossexual e eles acabam sendo punidos.

A concepção de diferença sexual que marca o espaço entre heterossexualidade e homossexualidade em nossa sociedade pode ser vista, segundo Judith Butler, como derivada de uma norma sexual regulatória que produz discursivamente os corpos que governa. Assim, discursos reiterados sobre o que é o sexo rigidamente constroem e controlam corpos dentro de uma perspectiva de normalidade heterossexual que localiza seu oposto (o homossexual) no campo da abjeção.

Abjeto seria tudo aquilo que fosse excluído pela norma reguladora do que deve pesar, tudo o que fosse localizado fora dos corpos carregados de sexo, em um campo oposto de uma relação binária em que a heterossexualidade seria um valor positivo em detrimento à conduta homossexual desviante. No conto de Caio Fernando Abreu a ser analisado, verificaremos como a tentativa dos personagens de fazerem escolhas independentemente destes campos são contingenciadas pela imperatividade da norma sexual.

Para Butler, ao mesmo tempo em que um discurso sobre sexo se impõe, também instaura uma contradição ao tornar os limites dessa regra possíveis somente se estiverem em oposição ao campo que rejeitam, em que o heterossexual só existe se houver a oposição do homossexual a ele. Assim,

o sujeito é constituído através da força (...) que produz um exterior constitutivo relativamente ao sujeito, um exterior abjeto que está, afinal, dentro do sujeito, como seu próprio e fundante repúdio (2000, p. 112).

Logo, a validade dessa norma regulatória deriva da existência de algo que a ela se oponha, que esteja fora de seus limites, limites estes que podem ser rearticulados de acordo com a necessidade da norma em garantir sua imperatividade ao ser confrontada com o que denomina abjeto.

A reiteração dessa norma produz um discurso sobre sexo, por meio das diferenças sexuais e representações destas nos corpos que controla, numa cadeia de repetições em que, num primeiro momento, a norma se impõe criando corpos e, a partir de sua reiteração, passa a se impor de forma automatizada a estes corpos que criou, à medida em que os mesmos a reproduzem inconscientemente. É como se, após a criação da norma, esta se naturalizasse e os indivíduos não pudessem entender o aspecto arbitrário que determinou sua fundação e determina sua reprodução:

se o “sexo” é assumido da mesma forma que uma lei é citada, então a ‘lei do sexo’ é repetidamente fortalecida e idealizada como a lei apenas na medida em que ela é reiterada como a lei, produzida como a lei - o ideal anterior e não aproximável - pelas próprias citações que ela diz comandar (BUTLER, 2000, p. 122).

Considerando o “ideal regulatório” conforme apresentado por Foucault, a autora reconhece a autonomia da reiteração da norma sexual e vê essa repetição como uma performatividade em que os indivíduos escolhem assumir um sexo a partir de normas socialmente pré-determinadas, já que

essa “assunção” é imposta por um aparato regulatório de heterossexualidade, um aparato que reitera a si mesmo através da produção forçosa do ‘sexo’, então a ‘assunção’ do sexo é constringida desde o início (BUTLER, 2000, p. 121).

Ainda que a reiteração da norma lhe confira um status de naturalidade que faz o indivíduo se sentir livre ao “assumir um sexo”, sua liberdade se restringe em escolher dentre opções mobilizadas pela lei.

Inusitadamente, mesmo os corpos construídos no campo da abjeção vão eleger a norma como referente, ou melhor, vão fazer uma escolha previamente determinada pela norma como abjeto ou “normal” já que sua agência pode ser analisada “como uma prática reiterativa ou rearticulatória imanente ao poder e não como uma relação de oposição externa ao poder” (BUTLER, 2000, p. 123). Mesmo tentando se opor a um imperativo heterossexual, os corpos abjetos são limitados pela mesma discursividade que torna o normal possível somente graças à relação biunívoca com aquilo que exclui.

Obviamente, a contingência da norma, apesar de sua constante reiteração, não se dá de forma irrefletida. Ao considerarmos os contextos discursivos em que essas regras se reproduzem, vemos outros corpos que tentam passar a pesar tanto quanto os corpos normatizados. Como já dito, a norma sexual reguladora é passível de rearticulação de seus limites, à medida em que estes são confrontados por valores que lhe estão à margem.

Segundo Butler,

como um efeito sedimentado de uma prática reiterativa ou ritual, o sexo adquire seu efeito naturalizado e contido, é também, em virtude dessa reiteração, que fossos e fissuras são abertos, fossos e fissuras que podem ser vistos como instabilidades constitutivas dessas construções, como aquilo que escapa ou excede a norma como aquilo que não pode ser totalmente definido ou fixado pelo trabalho repetitivo daquela norma (2000, p. 118).

A autora considera que a existência destes fossos, fissuras na construção do sexo são elementos importantes para a possibilidade de uma prática política que subverta este aparato regulatório da sexualidade. São estas aberturas que podem tornar possível a construção de outras práticas fora do binarismo normal/abjeto imposto pela norma sexual reguladora (ou fora dos primeiros moldes por ela impostos). Ainda que a tendência do imperativo heterossexista seja readaptar seu limite a novas demandas que os campos que opõe apresentem, sua rearticulação pode ser amplamente determinada pelas reivindicações dos campos abjetos, quebrando a cadeia reiterativa iniciada com a instauração da norma sexual.

Butler nos dá aqui abertura para uma discussão política do que poderia ser a prática do movimento *queer* ao explorar essas fissuras em vez de reiterar a oposição binária imposta pelo aparato regulatório da sexualidade, numa perspectiva de que tanto a política feminista quanto a política *queer* “sejam mobilizadas precisamente através de práticas que enfatizem a desidentificação com aquelas normas regulatórias pelas quais a diferença sexual é materializada” (BUTLER, 2000, p. 113).

Dentro de uma perspectiva literária, a obra de Caio Fernando Abreu pode ser interpretada a partir deste esforço de negação de um binarismo hetero/homossexual, pode ser entendida como o resultado de um esforço de desidentificação de seus personagens com as normas regulatórias que permitem a materialização da diferença sexual. Ainda que a narrativa que ora analisamos se encerre de forma melancólica, deixando espaço para uma compreensão de que a imperatividade do normativo heterossexual tenha subordinado os corpos que buscaram se materializar fora de padrões convencionais, a opção da escrita de Caio em negar a reivindicação de um campo identitário dentro de qualquer binarismo prévio mostra como sua literatura desconstrói a estrutura sexual discursivamente imposta.

## 2. O armário gay como símbolo da repressão sexual

Desenvolvendo as idéias até aqui apresentadas, outra análise se revela possível pela alegoria do armário gay, conforme proposta por Eve Kosofsky Sedgwick. Para ela, “a epistemologia do armário deu uma consistência abrangente à cultura e identidade gays, ao longo do século XX (...)” (SEDGWICK, 2007, p. 22), sendo a estrutura definidora de sua opressão.

O processo de assumir-se gay, de saída do armário, implica num conjunto de ponderações ao indivíduo, que deve, necessariamente, levar em consideração fatores como o espaço em que faz, bem como as pessoas a quem faz o *outing*. Esse jogo revela-se tão complexo que resulta em poucas pessoas em cujas vidas o armário não seja uma presença formadora.

No caso dos contos de Caio Fernando Abreu, ao vivenciar uma experiência afetiva (e não apenas sexual) entre dois homens, seus personagens se veem diante desse jogo. Alguns assumirão uma identidade taxada pela norma como homossexual e por isso serão punidos. Em outros contos, eles refutarão completamente qualquer identidade marcada, como em *Aqueles Dois*, mas ainda assim sujeitos à violenta coerção social.

Essa aparente confusão social ao aplicar o imperativo heterossexual através da violência encontra explicação na utilidade existente em rotular indivíduos como habitantes da zona abjeta (ainda que estes a refutem) como forma de reforçar os limites sociais da norma sexual.

### 3. O conto *Aqueles Dois* como subversão da heteronormatividade

Em consonância com essas idéias, Karl Posso, em estudo sobre a obra de Caio Fernando Abreu e Silviano Santiago pautado nas discussões gerais do pensamento pós-estruturalista, afirma que, em seus textos, os dois autores

reformulam o discurso social e desmantelam a hierarquia apontando para a futilidade da tentativa de conter o sentido, revelando assim, a inviabilidade de uma voz privilegiada ou hegemônica na sociedade, incapacitando dessa forma, uma volta às estruturas hierárquicas (POSSO, 2009, p. 12).

Assim, a defesa por Butler de uma militância *queer* pautada na desconstrução da estrutura binária que opõe hetero e homossexual encontra repercussão na crítica literária a Caio Fernando Abreu, ao notar que este, fora da visão de um campo político imediato, instrumentaliza sua obra como uma resposta, não como oposição, mas como desmantelamento de um imperativo heterossexual até então visto como hegemônico.

Posso ressalta em sua crítica o contexto de repressão sexual em que se dá a escrita e publicação dos contos de Caio Fernando Abreu. Segundo ele, a imagem da política sexual brasileira baseada na inversão social do carnaval transmite uma falsa idéia de liberdade para os homossexuais. Os dias de festa, em vez de representarem uma real libertação de indivíduos sexualmente reprimidos e garantir-lhes uma sensação de pertencimento, apenas revelam “transgressões sancionadas socialmente e pela Igreja que, por serem reguladas, são trancafiadas numa lógica antagônica ou binária que as obriga a reafirmar a norma” (POSSO, 2009, p. 13), servindo para tornar as leis sexuais ainda mais definidas.

Passado o carnaval, a repressão da homossexualidade, “convencionalmente compreendida no Brasil como uma incorporação masculina da feminilidade” (POSSO, 2009, p. 14)<sup>1</sup>, é retomada na forma eficaz que, historicamente, sempre dispensou a edição de uma legislação específica para punir esse comportamento.

Como um exemplo, o crítico ressalta a oposição entre “bofe” e bicha”, ou seja, entre ativo e passivo na relação homossexual como um parâmetro de repressão à homossexualidade, em que o indivíduo ativo estaria afastado de qualquer penalidade por não poder ser identificado (não imediatamente) com o modelo sexual predominante de associação do homossexual ao homem que incorpora a feminilidade. Mesmo a prostituição masculina teria um destino melhor quando corporificada na imagem do “michê” em vez da figura do “travesti”.

Esse modelo sexual, no entanto, é imposto e defendido por uma mentalidade predominante que busca fixar uma identidade homossexual a fim de persegui-la. Como já demonstrado, Posso considera que a obra de Caio rompe com essa identidade fixa e lança seus personagens num campo mais amplo em que suas práticas não devem (ou não deveriam) ser encaixadas num rótulo previamente definido, já que este serve para viabilizar a materialização do discurso homofóbico em práticas persecutórias.

---

<sup>1</sup>Posso considera que, posteriormente, a sociedade heterossexista substituiria a “efeminação” pela AIDS como identificatória da homossexualidade (op. cit., p. 21).

Ainda quanto à contextualização da obra de Caio Fernando Abreu, o conto em questão foi publicado no período de abertura política brasileira e *Morangos Mofados* serve como reflexão do autor sobre o projeto de sua geração, um projeto coletivo de mudança social que se viu duramente reprimido pelos anos de ditadura militar.

Mesmo afirmando ter rompido com o sonho hippie em 1975, o autor dedica sua principal obra a uma avaliação das trajetórias tomadas por si e por seus companheiros da contracultura, podendo ser situado, segundo Heloísa Buarque de Hollanda, num campo de oposição ao regime militar distante das esquerdas marxistas, que muitas vezes rotularam os companheiros de geração de Caio Fernando Abreu como “alienados”.

Fracassado o projeto da contracultura de recusa à sociedade tecnocrática, findo o sonho do *flower power*, sobrou o mofo dos morangos, os mesmos que antes cobririam para sempre os campos ao som de Lennon & McCartney, numa ressaca que

não deixa de revelar uma enorme perplexidade diante da falência de um sonho e da certeza que é fundamental encontrar uma saída capaz de absorver, agora sem a antiga fé, a riqueza de toda essa experiência (HOLLANDA in ABREU, 2005, p. 9).

Em busca dessa saída, o autor gaúcho compôs sua principal obra e, dividindo-a em três partes (O mofo, Os morangos e Morangos Mofados), guardou a esperança de um novo projeto para a parte final, que nomeia o livro, dedicando às duas primeiras um tom amargo de mofo.

Encerrando a segunda parte, com o subtítulo *História de aparente mediocridade e repressão*, o conto narra, em terceira pessoa, a amizade entre Raul e Saul, dois colegas de firma em uma grande cidade. Exilados de suas cidades de origem, o último vindo do Sul, o primeiro do Norte, os personagens são dois homens sem amigos ou parentes na metrópole e confinados num ambiente burocrático de trabalho. Ambos vêm de relacionamentos desfeitos e paulatinamente constroem um profundo vínculo de amizade que irá despertar estranheza em seus colegas de trabalho.

O ambiente de trabalho é descrito como um espaço opressor, “um deserto de almas”, segundo os personagens, ou ainda, “um prédio grande e antigo, parecido com uma clínica psiquiátrica ou uma penitenciária” (ABREU, 2005, p. 140), segundo o narrador. Seus personagens coadjuvantes não são menos infelizes: mulheres mal-amadas e vorazes, que não conseguem despertar o interesse dos protagonistas, e homens barrigudos de postura “desalentada”.

A aproximação dos dois se dá pelo gosto comum por cinema, após Saul falar ao colega sobre um filme que assistiu. A partir daí, surge a intimidade entre eles, ainda que somente após seis meses passem a se encontrar sozinhos em outro espaço que não o escritório. A relação entre os dois é marcada pela troca de presentes simples, mas de alto valor afetivo, longas conversas sobre cinema e música, mas também por um distanciamento físico somente rompido com a perda da mãe de Raul. Regressando do luto, os dois se encontram e, na despedida, abraçam-se longamente ao choro de Raul. Sua lamentação por estar “só no mundo” enseja a reação do amigo de afirmar que tinha a ele “agora, e para sempre” (ABREU, 2005, p. 138).

O próximo momento de intimidade se dá no réveillon, ao fim da noite, bêbados, deitam nus em cômodos separados da quitinete em que Raul vivia. Ambos passam a maior parte da noite em claro, percebendo a brasa acesa do cigarro um do outro. Embora o texto revele uma grande tensão entre os dois, os personagens mantêm-se distantes, com Saul partindo sem se despedir na manhã seguinte.

O desfecho do conto se dá logo após, frustrando os planos de férias conjuntas. Chamados à sala do chefe, tomam conhecimento de cartas anônimas assinadas por “um atento guardião da moral” que tipifica a relação entre eles como: “relação anormal e ostensiva”, “desavergonhada aberração”, “comportamento doentio”, “psicologia deformada”. Sem ter acesso às cartas e na alegada defesa da reputação da firma, Raul e Saul são friamente demitidos.

O momento final do conto é marcado pela partida dos dois, num dia quente de verão, vistos de cima do “prédio-penitenciária” pelos colegas cheios de desdém quando alguém grita da janela: “*Ai-ai!*”. A narrativa encerra com uma possível culpa posterior dos ex-companheiros de repartição ao dizer: “(...) ninguém mais conseguiu trabalhar em paz na repartição. Quase todos ali dentro tinham a nítida sensação de que seriam infelizes para sempre. E foram.” (ABREU, 2005, p. 140).

Numa primeira análise, podemos verificar como a crítica de Karl Posso a respeito da repressão sexual na sociedade brasileira se constrói no texto. Como já apresentado, o autor sustenta que a homossexualidade é convencionalmente compreendida no Brasil como uma incorporação masculina da feminilidade. No conto em questão, Raul e Saul são dois homens oriundos de relacionamentos heterossexuais e que não demonstram nenhum dos traços vulgarmente compreendidos como “efeminados” por nossa sociedade. Entretanto, a aproximação entre os dois e o desinteresse destes pelas mulheres da firma permite uma interpretação da amizade entre homens como um vínculo de conotação sexual. Curiosamente, a sociedade que se empenha em reprimir qualquer conduta desviante da norma heterossexista, vê-se autorizada a associar um vínculo *a priori* assexuado e não-efeminado a uma conduta efeminada e reprovável. Em nenhum momento os personagens vão reivindicar ante o grupo uma relação sexual ou uma conduta “desviante”, entretanto, a negativa de tais posturas não se revela suficiente para que a dupla escape da punição infligida com a demissão.

Assim, dentro do campo crítico a que recorreremos, a punição sexual se dá por uma fixação compulsória de uma identidade homossexual a ser perseguida. Essa fixação se dá de forma tão eficaz que se enquadra perfeitamente na perspectiva histórica brasileira que sempre dispensou a edição de uma legislação específica para punir esse comportamento.

A norma sexual, uma vez instaurada, encontra amplo respaldo social, sua repetição valida condutas nela baseadas e produz um discurso sobre sexo, por meio das diferenças sexuais e representações destas nos corpos que controla, passando a se impor de forma automatizada. A agência social voluntariamente suplanta o papel do estado em vigiar e punir os indivíduos, permitindo-se inclusive fixar suas identidades para garantir a vigência do imperativo heterossexual.

Se a regra sexual brasileira coloca os homossexuais masculinos num campo de efeminação, os indivíduos que fogem deste rótulo são a ele compulsoriamente reduzidos, mesmo que através de um jocoso “ai, ai!”, como o proferido por alguém da repartição após ver Raul e Saul partirem no mesmo táxi. O comentário desdenhoso revela em si o transporte que o grupo punidor fez da dupla punida do campo da heterossexualidade para o campo da abjeção. Entender a dupla como efeminada é um mister pra que se garanta sua visão como abjeta e partir daí se legitime a punição a ser aplicada. Estando correta a afirmação de Posso de que o homossexual ativo, estereotipado como masculinizado, não sofre a mesma perseguição do homossexual identificado com os signos do feminino, a agência social reguladora se empenha em

situar a dupla, e não apenas um deles, no campo da efeminação. Considerar, por exemplo, Raul como o “homem” da relação retiraria a justificativa de sua demissão e o grupo se veria obrigado a ainda conviver com ele após expulsar Saul.

A imposição de uma identidade destoante da norma adquire assim a função de trazer unidade ao grupo: os homens que restaram são heterossexuais porque, e apenas porque, não são Raul e Saul. Sua sexualidade está definida no campo do normal enquanto os indivíduos expulsos resvalam no reino do abjeto. Assim, os sujeitos são constituídos através da força, que produz um exterior constitutivo relativamente ao sujeito, um exterior abjeto. Sem muito que lhes dê unidade, a atribuição de uma identidade sexual reprovável à dupla e sua conseqüente expulsão traz segurança à identidade dos demais, por se saberem másculos em oposição à arbitrária efeminação da dupla abjeta.

Cabe aqui, ressaltarmos um curioso recurso narrativo utilizado pelo autor: os momentos de proximidade física entre os protagonistas não chegam em nenhum momento ao conhecimento dos colegas de escritório. O grupo, embora pareça censurar de forma coesa os dois, nada tem de concreto para decidir majoritariamente por sua exclusão. Mais: as cartas do autodenominado guardião da moral não são apresentadas a eles. Também não há no texto nenhum elemento que comprove que a retaliação tenha partido de alguém do escritório, ou de todo seu conjunto. O narrador, ainda que onisciente, não traz à superfície do texto a certeza da existência das cartas, ou, se elas existem, a certeza da existência de seu autor. Igualmente não há certeza de que não sejam um mero recurso do chefe para justificar a demissão, ou que não tenha o grupo agido em conjunto com ele para garantir a aplicação do imperativo heterossexista.

O suposto vácuo deixado pelo texto torna transparente a reiteração automatizada da norma sexual. Mais uma vez: num Estado em que o grupo social voluntariamente busca garantir a eficácia do aparato regulatório de sexualidade, a ação de um ente centralizado para punir a homossexualidade torna-se dispensável. Tal punição não é um fato isolado nos contos de Caio Fernando Abreu. Fortemente influenciado por seu contexto histórico, e tendo produzido parte considerável de sua obra sob o signo da ditadura militar, não é raro ver duplas associadas à homossexualidade serem vítimas de punição, seja ela literal (o apedrejamento em *Terça-feira Gorda*) ou metafórica (a loucura que consome o casal gay em *Uma história de borboletas*).

As considerações até o momento tecidas podem trazer consigo a ideia de que a obra de Caio Fernando Abreu se limitaria a representar literariamente o contexto repressivo brasileiro, como uma denúncia do imperativo heterossexista.

Entretanto, uma análise mais aprofundada de seus contos, em especial daquele em que se lastreia o presente texto, permite verificar de que forma o escritor gaúcho não só denuncia a arbitrariedade desse imperativo como busca, por meio da literatura, abrir caminhos de ruptura da norma sexual, através das próprias aberturas deixadas por ela quando de sua reiteração.

Retomemos a idéia de que a norma sexual determina a assunção de um sexo, obrigando os indivíduos a “escolher” a partir de normas socialmente pré-determinadas, impostas por um aparato regulatório de heterossexualidade, que reitera a si mesmo através da produção forçosa do “sexo”, tornando a ‘assunção’ do sexo é constrangida desde o início.

Consciente deste constrangimento e buscando alternativas literárias a ele, Caio Fernando Abreu nos apresenta personagens que simplesmente ignoram essa norma e constroem seu desejo fora de qualquer reivindicação identitária, seja ela “normal” ou “abjeta”. De fato, Raul e Saul não buscam assumir em nenhum momento da narrativa um sexo socialmente taxado como homo ou heterossexual. A intimidade dos dois é colocada fora de binarismo autoritário, já que os pares permitidos pela norma sexual não conseguem descrever o que sentem um pelo outro. Esta recusa pode ser observada em outros contos do escritor, em que várias vezes os sujeitos do desejo não tem seu gênero definido, ou casais de homens são representados apenas como corpos carregados de algum desejo e nenhuma norma.

### Conclusão

Retomando o que aqui expusemos, podemos entender a negação do binarismo hetero/homossexual no texto de Caio Fernando Abreu como o resultado de um esforço de desidentificação de seus personagens com as normas regulatórias que permitem a materialização da diferença sexual. Através de seu exercício criador, o autor gaúcho nos oferece uma literatura construída a partir das fissuras apresentadas pela própria estrutura que busca punir seus personagens. A instabilidade da construção discursiva da sexualidade fornece os próprios elementos para sua fratura e mostra quão antiquada se torna a hierarquia anteriormente estabelecida.

Em seu lugar, irrompem comportamentos múltiplos, num campo libidinal fluido de corpos que simplesmente se desejam, gêneros e sexualidades não marcadas, não mais preocupados em se afirmar contestando a estrutura, mas desmantelando-a:

O conceito de identidade que esses textos apontam é, assim, um conceito que implica a permanente flutuação entre o plano da construção social e o campo imanente do fluxo libidinal (POSSO, 2009, p. 25).

Ainda que o controle heterossexual sobre os personagens de *Aqueles Dois* possa parecer bem sucedido, a atitude de Raul e Saul fora dos padrões binários gera um deslocamento que faz seus próprios algozes repensarem sua atitude. Se em um primeiro momento o grupo não hesitou em punir a dupla (ou em ser conivente, calando-se diante da punição), uma vez aplicada a pena, surge o espaço para se redimensionar o acontecido. Enquanto os protagonistas seguiam em um novo êxodo, juntos em um táxi que os leva em direção ao que desconhecemos, a certeza que seus ex-colegas tinham da própria infelicidade é uma prova do quanto a opção por negar tanto a norma quanto a abjeção os fez repensar o enquadramento compulsório dos sujeitos punidos.

A infelicidade como legado é a certeza da reflexão daqueles que antes não hesitaram em punir, mas agora se veem obrigados a submeter novos limites a norma que aplicaram, limites estes mais amplos que a redução binária que o imperativo heterossexista insiste em reiterar.

Referências bibliográficas:

ABREU, Caio Fernando. *Morangos mofados*. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

\_\_\_\_\_ *Ovelhas negras*. Porto Alegre: L&PM, 2002.

\_\_\_\_\_ *Pedras de Calcutá*. Rio de Janeiro: Agir, 2007.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Org: Guacira Lopes Louro. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 110/127.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. In: *Cadernos Pagu*, nº 28, p. 19-54, Campinas: Unicamp, 2007.

POSSO, Karl. *Artimanhas da sedução: homossexualidade e exílio*. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.  
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.  
This page will not be added after purchasing Win2PDF.